



III Jornada Internacional  
Semântica e Enunciação



2021



**PROPOSTA DO SIMPÓSIO TEMÁTICO:**

**ENUNCIÇÃO E DISCURSO NA PERSPECTIVA DA  
ANÁLISE DE DISCURSO: HÁ LIMITES PARA ESSA RELAÇÃO?**

Cármem AGUSTINI (UFU/GELS/ETL)  
Eduardo Alves RODRIGUES (UNIVAS/GELS/ETL)

**RESUMO:** Neste simpósio, propomos destacar a relação entre situação, enunciação e determinação histórico-ideológica, inscrita na perspectiva do discurso concebido como efeito material do encontro entre acontecimento e estrutura, memória e atualidade, interdiscurso e intradiscurso. Os trabalhos a se inscreverem poderão ter cunho teórico e/ou metodológico e/ou analítico, apresentando como objetivo compreender a relação entre enunciação e discurso exposta ao modo como a linguagem funciona e se realiza no sujeito e seus efeitos para a produção de sentido(s). Em outras palavras, trabalhos que se empenhem a expor a enunciação em sua opacidade, o discurso em suas materialidades específicas, procurando dar visibilidade à enunciação como fato discursivo, inscrita, portanto, em processos de textualização e de (des)encaixe semântico. Nessa direção, propomos reunir trabalhos que produzam, não necessariamente, articulações entre construtos teóricos que se fundamentem quer sobre o conceito de enunciação quer sobre o de discurso de modo a explicitar o mo(vi)mento da enunciação relativamente ao movimento do discurso na história (à exterioridade), relativamente à indissociabilidade entre o funcionamento do simbólico e o funcionamento do político, à relação entre a produção de sentidos e os processos de subjetivação, às relações de disputa de poder, aos regimes de conhecimento que estabilizam semanticamente o mundo sensível, e relativamente ao jogo entre o mesmo e o diferente, entre a repetição e o deslocamento. Linguística da Enunciação e Análise de Discurso, por exemplo, são algumas das proposições teórico-metodológicas que esperamos ver mobilizadas na produção das reflexões e análises que sustentarão as apresentações neste simpósio. Os trabalhos teóricos e/ou analíticos são desafiados, dessa maneira, a trabalhar tais questões em recortes cuja montagem se funda sobre bases tanto linguísticas como não (exclusivamente) linguísticas, e que exponham a enunciação à relação de não-coincidência, de diferença entre enunciados, ao possível das transformações parafrásticas e metafóricas, aos efeitos da interlocução, ao imaginário, ao equívoco, à contradição, ao ideal e/ou aos regimes de “verdade” etc. Buscamos por em relação, igualmente, a enunciação funcionando em diferentes campos (institucionalizados ou não) de produção de dizeres e saberes: a ciência e a produção de conhecimento, a arte, a mídia, o digital, o cotidiano, a ficção, o ensino, entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Enunciação. Discurso. Reprodução. Deriva.



III Jornada Internacional  
Semântica e Enunciação



2021



**RESUMOS APROVADOS:**

### **O EFEITO METAFÓRICO, AS TABULETAS POSSÍVEIS:**

UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE ESAÚ E JACÓ, DE MACHADO DE ASSIS

Angélica Paixão dos SANTOS (UNIR)  
angelpaixao@outlook.com

Élcio Aloisio FRAGOSO(UNIR)  
elciofragoso@unir.br

**RESUMO:** Neste trabalho, buscamos compreender como o discurso produzido em Esaú e Jacó, de Machado de Assis, significa a proclamação da república brasileira. Para isso, utilizaremos, nessa pesquisa, os princípios e os procedimentos da Análise de Discurso (AD) de linha francesa, postulada por Pêcheux, na França na década de 1960 e seus desdobramentos por Orlandi, a partir da década de 1970, no Brasil, assim como reflexões elaboradas por Eduardo Guimarães no âmbito da Semântica Histórica da Enunciação. Ao realizarmos uma análise, na posição de analista de discurso, não olharemos para Esaú de Jacó, de Machado de Assis, na perspectiva que têm olhado os estudos literários, justamente porque nossos questionamentos são outros, nosso procedimento de análise é outro, assim como nosso objeto não é o mesmo. A forma como esse sujeito-autor se subjetiva na história e, conseqüentemente, formula seu discurso por meio da língua é diferente da discursividade realista europeia, devido às condições de produção e às injunções da posição-sujeito serem outras. Temos, no Brasil, outras questões a serem discutidas, outras condições de produção, outras situações enunciativas. Dessa forma, fazemos o seguinte questionamento: como esse discurso significava o Brasil e a língua, nas condições desse acontecimento político – a proclamação da república? Trataremos, mais especificamente, do episódio das Tabuletas da Confeitaria do Império, tema de alguns capítulos de Esaú e Jacó. Temos nessa materialidade discursiva um gesto de interpretação (do sujeito autor) sobre esse acontecimento, a proclamação da República brasileira. A designação “Confeitaria do Império” juntamente com as (re)formulações apresentadas no decorrer do texto não se dão de forma aleatória, nem mesmo imediata ou automática, como se houvesse uma ligação direta entre linguagem-pensamento-mundo. Ao designar confeitaria do Império, temos um nome classificador (confeitaria) articulado sitaticamente, com a locução adjetiva “do Império”, que vão sendo substituídos, num movimento parafrástico-metafórico, por República, Governo, Catete, etc. Nessas (re)formulações estão em jogo as formações imaginárias, e são elas que sustentam a produção do discurso. Dessa forma, é possível que o analista relacione a materialidade linguística com como o político se instala na formação social e produz seus efeitos, isto é, discurso e exterioridade estão complexamente articulados com a forma como o político dominante se significa na sociedade e na história, Orlandi (2014).

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise de discurso. Efeito metafórico. Machado de Assis. Semântica. Designação.

## **ARTE, CENSURA E RESISTÊNCIA: ENTRE GRAFITE E PICHAGÕES**

Cármem Agustini (ILEEL/PPGEL/UFU)  
Érica Daniela de Araújo (CEFET-MG)

**RESUMO:** Nesta comunicação, analisamos, a partir da perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso, o funcionamento discursivo de um grafite, inscrito nos muros da Universidade Federal de Uberlândia, campus Santa Mônica, e de algumas pichações que ocorreram sobre esse grafite. De nosso ponto de vista, grafite e pichação constituem formas de significar o discurso urbano, isso porque são escritas urbanas nas quais o sujeito diz de si e de sua relação com o mundo. Nessas escritas, que estampam monumentos público-privados, os sujeitos, pela inscrição em uma determinada posição-sujeito, materializam, em seus discursos, diferentes processos de significação, já que “todo dizer é um gesto político, porque toda significação tem uma direção, divide” (ORLANDI, 2004, p. 129). Analisamos, assim, os processos de produção desses discursos, os quais envolvem necessariamente três momentos inter-relacionados, quais sejam: a *formulação*, que compreende a dimensão intradiscursiva, isto é, a “colocação do discurso em texto” (ORLANDI, 2012, p. 11); a *constituição*, que envolve a dimensão interdiscursiva, a memória discursiva; e a *circulação*, a qual se refere ao espaço no qual os discursos se mostram. Em nosso caso específico, buscamos ler-interpretar como o grafite presente nos muros de uma Universidade Pública, bem como as pichações nele impressas, na inter-relação entre não-verbal e verbal, produzem determinados efeitos de sentidos para e na cidade. Nessa medida, este trabalho inscreve-se entre aqueles que buscam compreender os processos de significação e as relações de sentidos específicos à cidade. Isso porque, de nossa perspectiva, os discursos, nesse espaço, são conformados por relações de poder, cabendo ao analista “desautomatizar a forma de ler a cidade para poder compreendê-la em seus modos de significação específicos” (ORLANDI, 2003, p. 14). Segundo Orlandi (1999, p.9), a Análise de Discurso nos permite “problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem”. Isto é, permite expor o olhar leitor à opacidade da linguagem, buscando compreender os processos de produção de sentidos, em nosso caso, aqueles próprios à cidade. Logo, “a interpretação não é mera decodificação na transparência da linguagem, mas trabalho que ata língua, sujeitos e mundo” (ORLANDI, 2001, p. 9). Assim sendo, abordando os gestos de grafitar e de pichar como gestos político-simbólicos característicos do espaço urbano, questionamos: o que esses gestos político-simbólicos, inscritos nos muros de uma Universidade Pública, dão a ler-interpretar, haja vista sua *constituição, formulação e circulação?*

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise de Discurso. Espaço urbano. Grafite. Pichação.

## “VOCÊ É UM PALHAÇO, MESMO”:

### A DESIGNAÇÃO DE UMA PALAVRA E SEU FUNCIONAMENTO COMO INSULTO

Romulo Santana OSTHUES (IEL/Unicamp)

[romulo.osthues@gmail.com](mailto:romulo.osthues@gmail.com)

**RESUMO:** Em Americana (SP), o vereador Gualter Amado (PRB) nunca foi artista circense, não protagonizou filmes de terror, tampouco andava protestando nas ruas com um nariz vermelho no rosto. Apesar disso, segundo o prefeito Omar Najar (MDB), ele “é um palhaço, mesmo”. Durante uma audiência pública na Câmara Municipal para a discussão de metas fiscais, em 27 de fevereiro de 2019, em meio a um bate-boca entre os dois políticos, Gualter foi designado “palhaço”, “idiota”, “boboca”, reputado por fazer palhaçada e falar um monte de bobagem. É como insulto que a designação de *palhaço*, que acontece no embate entre os citados prefeito e vereador americanenses, é compreendida no trabalho que apresentarei no V SEDIAR/III JISE. Mostrarei o funcionamento insultante desse significante que materializa, no acontecimento da enunciação (em uma discussão acalorada), uma abjeção ao outro. Para isso, tomo como material de análise a transcrição de um trecho da audiência pública na qual se deu a contenda. Num gesto de leitura que considera uma relação produtora entre os pressupostos teóricos da Semântica do Acontecimento e da Análise de Discurso, sem desconsiderar suas diferenças constitutivas, mostro como o processo de reescrituração de *palhaço*, no interior do texto analisado (a transcrição), determina os sentidos dessa palavra, produz efeitos pejorativos e orienta a argumentação para uma interpretação como insulto do enunciado “Você é um palhaço, mesmo”. Visto que argumentar é orientar e sustentar um dizer, o sujeito, ao dizer a um outro que tal é palhaço, está descrevendo uma conduta, apontando um modo de o outro se portar. Assim, descreve-se um modo de identificação do outro que é tal repulsivo/condenável/repreensível etc.: o que o outro faz não se leva a sério, é efeito de uma atuação abjeta (palhaçada > ato de palhaço), na qual há alguém intolerável como autor (palhaço > idiota, boboca). Além disso, compreendo que uma designação, para funcionar como insulto, demanda interlocução. O insulto precisa de um alvo. Portanto, o sentido de palhaço, constituído a partir de uma abjeção de um pelo outro, do prefeito pelo vereador de Americana, torna sua forma um objeto simbólico que se joga contra o outro, o semelhante, na e pela língua, para atingi-lo. A enunciação de palhaço, e as reescriturações que a determinam integradas ao texto, naquelas condições de produção, então, destroem a reputação do vereador Gualter Amado, enfim, por meio de “um asco de voz e dizer” (BARBAI, 2019) proferido pelo prefeito Omar Najar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise de Discurso. Insulto. Palhaço. Semântica do Acontecimento.

